

35 Roteiro dos Oito Pontos - O Núcleo Central

Lama Padma Samten

Bacupari, 25/07 a 02/08

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #35

Revisão: Marcelo Alcantara Prol, 19.09.2023

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar essa transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com

Lista de Seções

1. 8 Pontos Prajnaramita - O Núcleo Central
2. Item de contemplação 2-a (continuação)
3. Item de contemplação 2-b

8 Pontos Prajnaramita - O Núcleo Central

Continuando o tema do roteiro dos 8 pontos do Prajnaramita, eu acho que seria importante a gente lembrar que é um roteiro de contemplação. Ele não é propriamente uma abordagem filosófica. É um roteiro de como que a gente deveria usar, o quê que a gente deveria tomar como foco da mente e contemplar. Poderíamos dizer que é como se fosse uma prática do Satipatthana: olhamos aquilo como aquilo mesmo. Mas a gente precisaria olhar esses vários temas.

Item de contemplação 2-a (continuação)

Nós estamos no item 2 desses 8 itens. Esses itens são subdivididos. Nós olhamos o item 2-a que trata da não-dualidade - a natural não-dualidade da experiência de objeto e da experiência da mente que contempla o objeto. Esse ponto da não-dualidade é o item 2-a. Isso nós já olhamos anteriormente.

Essa não-dualidade corresponde a uma realidade que não precisa ser construída. Como a não-dualidade é um tema super importante, a gente precisaria, nesse momento, reconhecer que a não-dualidade não é algo que a gente atinge depois de muito esforço de meditação, onde estudo/ meditação/contemplação - não é [isso]. Não-dualidade é algo que está inerentemente presente em todos os fenômenos. Nesse momento nós contemplamos isso. Nós reconhecemos isso.

Então a prática do item 2-a é reconhecer a não-dualidade. Eu descrevi isso também como coemergência. Eu acho que a expressão coemergência é super boa, mas a não-dualidade é uma expressão melhor, porque a coemergência trata da emergência do objeto com a emergência da mente. Ela trata a mente e o objeto como essencialmente surgindo ou existindo em si mesmos. Então surge o objeto, eu falo do objeto, eu falo da mente, e aí eu coloco os dois como surgindo no mesmo fenômeno.

A não-dualidade é mais profunda, porque aquilo que eu quiser fazer com o objeto e com a mente, ainda que eu aparentemente possa vaguear em várias direções (transformar objeto, transformar mente, andar para cá ou para lá), eu não tenho nenhuma possibilidade de separar. Eles são não-duais. Então tem um fenômeno luminoso. Esse fenômeno tem a característica de objeto-observador não separáveis. Esse é o ponto.

Então há um único fenômeno para mente e objeto. Isso converge com a noção de que nós temos dharmata e dharmakaya em todas as aparências. Isso aqui nos ajuda a compreender como se nós estivéssemos olhando os 6 selos.

Quando nós estamos contemplando os 6 selos, nós vamos perceber isso. Só que quando nós contemplamos os 6 selos, não há um roteiro de como que podemos chegar naquilo. Então aqui nós estamos olhando desse modo e aí vai ficar claro esse conteúdo referente aos 6 selos.

Quando nós avançamos desse modo, contemplamos desse modo e olhamos ao redor e vemos todas as aparências em todas as direções - e também o tempo para trás, o tempo anterior, o tempo futuro, em universos imagináveis ou apenas imaginados ou universos que parecem concretos, tanto faz, tudo que nós estamos olhando tem a natureza vajra. São aparências não-duais com a própria mente.

Esse é um ponto super importante. Quando nós vemos isso, vemos que as substâncias desses mundos todos, em qualquer direção, é dharmata. É a manifestação direta de dharmakaya em todas as aparências.

Nesse ponto seria interessante também se nós tivérmos essa oportunidade de dedicar esse tempo [para] que a gente contemple as mentes dos outros seres, reconhecendo que eles também passam por essa exata situação. Os outros seres, sejam eles humanos ou não, têm essa mesma não-dualidade operando. Nós vemos como que eles constroem seus mundos de um modo prático, mas que é um modo como eles estão vendo. Então isso consolida, melhora a nossa clareza quanto ao fenômeno da não-dualidade da natureza vajra.

Então a gente começa a ver a multiplicidade dos samsaras, enquanto os mundos que esses seres estão observando, estão experimentando, vivenciando. Vendo esse aspecto, nós podemos entender de um modo um pouco mais profundo o quê que significa essa natureza não ser necessariamente humana ou não ser necessariamente de algum ser.

Nós vemos a mente de Buda penetrando todas as experiências de todos os seres, por todos os lados. Esse é um ponto que vai nos ajudar a entender esse aspecto não-dual e a natureza vajra em todas as direções.

Quando nós entendemos esses múltiplos samsaras, nós vamos entender que esses samsaras estão entrelaçados. Nós vemos que, quando os seres constroem seus mundos do jeito que eles constroem - quando nós olhamos para aqueles mundos construídos objetivamente daquele modo, que faz sentido na mente daqueles seres -, nós não usamos do modo como eles usam.

Nós não temos a operação do modo como eles usam, mas nós olhamos para aquilo e aquilo fixa objetos dentro do nosso mundo. E como objetos dentro do nosso mundo, [são] inseparáveis desse tipo de mente e não inseparáveis daquela mente. Então esse aspecto grosseiro serve para ser incluído nos outros mundos do jeito como os seres olham. Isso faz com que os samsaras se entrelacem.

Aí têm exemplos para todos os lados, naturalmente. Vamos pensar assim, vamos pegar um exemplo aleatório: o bicho-da-seda. Então o bicho-da-seda constrói a sua casinha com o fio que enrola. As pessoas olham aquele fio e elas veem o fio. Pegam o bicho-da-seda, cozinham o bicho dentro da própria coisa, aquele fio coagula, se consolida. Aí você abre aquele casulo, tira o bicho morto, naturalmente, desenrola o fio e bota dentro de um rolo. Você começa a fazer um tecido, tece a partir da seda.

Vocês podem imaginar o quê que é isso quando começou na China (vamos supor que tenha começado lá). O quê que é essa roupa feita de um fio super fininho? Alguma coisa dos deuses, dos reis, dos imperadores. Uma coisa super delicada, super particular.

Mas especialmente isso é uma forma de samsaras entrelaçados. Um bicho faz uma coisa e eu vejo outra coisa. Então aquilo que eu estou fazendo, o bicho não imagina o tecido de seda, não imagina o fio de seda. Isso são samsaras entrelaçados.

Samsaras entrelaçados são as mesas. As árvores crescem. Elas não imaginam uma mesa, não imaginam uma tábua. Não veem isso, não tem a possibilidade.

Do mesmo modo quando os seres variados olham para nós. Mesmo o covid: ele não sabe o quê que é uma pneumonia, não sabe. Essa é uma outra coisa, não entende de pneumonia. Ele entende de covid, quer dizer, de covid ele também não entende. Covid é o nome que nós damos para o tipo de reação do movimento daquele ser dentro de um samsara entrelaçado. Esse samsara entrelaçado é o nosso corpo.

Se fosse só o nosso corpo, o ser aqui não teria como andar. Mas ele dá uma olhada naquilo que nós chamamos “nosso corpo” e tem ideias próprias. Agora o quê que ele vê quando olha para o nosso corpo, o quê que ele vê, a gente não tem a menor capacidade de entender. Mas que dá certo, dá. Então são samsaras se entrelaçando. Mas aquilo é um samsara, uma construção, construção luminosa.

Essas construções luminosas não são repetitivas. Esses seres têm a capacidade de alterar a forma de construção luminosa e seguir. Se a gente resolver girar para cá ou para lá, ele vai se adaptando.

Nós temos sistemas também que a gente não pensa, não raciocina, não vê. O nosso sistema imunológico, por exemplo, que vai lá, localiza aquilo e opera. A gente descreve isso, mas não entende. A gente descreve, mas não chega a compreender o quê que significa, o quê que as células estão vendo, como que elas estão vendo, como é que elas estão atuando. A gente não consegue entender muito bem isso. A gente pode descrever, mas nós vamos descrever dentro da nossa visão. A gente não descreve dentro da forma como aquele próprio ser vê.

Então nós temos uma super inteligência no meio desse processo. Nós temos inteligência desse samsara, que são inteligências celulares, mas nós temos inteligências de sistemas, de conjunto de células, de grupo, de corpo inteiro. Nós temos ainda essas inteligências que regem o funcionamento da nossa energia por dentro de todo o corpo. Está ligado a emoções, está ligado à inteligência conjunta mesmo. Então isso são samsaras entrelaçados.

Eu acho que é completamente indispensável nós contemplarmos isso. Se a gente contemplar apenas esse aspecto, por exemplo: eu olhando algo e vendo a inseparatividade. Isso é muito pequeno, é muito restrito. Isso não vai dar conta da quantidade de coisas que a gente vai se defrontar e não vai saber o que dizer. E se a

gente não puder entender, seja qual for a experiência desse samsara complexo entrelaçado; se a gente não puder entender isso dentro dessa perspectiva ampla da mente lúcida de Buda produzindo múltiplos movimentos em muitas direções; se a gente não puder entender isso, nós vamos ser levados a uma sensação de que há uma mente lúcida dentro de um mundo que se rege por um processo causal, por leis não sei de onde, formados do lado externo. Nós vamos terminar consolidando a ideia de um mundo externo e um mundo interno. Nós vamos ficar com esse problema.

Então os mestres vão descrever, eles dão um salto nesse ponto. Eles dão um salto e dizem com essa prece de que “nós possamos reconhecer todas as aparências como dharmakaya”. Esse é um ponto. Eu lembro de Chagdud Rinpoche dizendo que isso é uma perspectiva ainda Nyingma dos mestres dizendo que em um centímetro cúbico, um milímetro cúbico, tem uma quantidade gigantesca de seres - inteligências búdicas, seres de todos os tipos.

Esse é um ponto importante a entender. Se nós não entendemos que todas as inteligências são inteligências búdicas, aquilo vai ficar estranho. Vamos precisar examinar isso. A gente vai precisar contemplar o fato de que a coemergência (esse fenômeno da coemergência) não é uma coisa que os seres humanos têm. Todos os seres têm. E esse fenômeno da coemergência é o fenômeno que revela a natureza búdica. É a inteligência capaz de construir objetos. Isso é a inteligência luminosa que constrói e contempla os objetos construídos e se move a partir disso. Dá origem a ações mentais (construções mentais) a partir da construção inicial e gera outras construções. A partir dessas outras construções, servindo aquilo de base, gera outras. Todos esses seres fazem isso.

Isso é a própria natureza búdica. Essa é a característica central, ou seja, um aspecto livre de mente produzindo realidades a partir da luminosidade; sendo capaz de utilizar essas construções como referenciais e, na dependência delas, construir adiante outras realidades luminosas. E o fato de que essas realidades luminosas podem se entrelaçar em samsaras complexos.

Isso está ligado à noção de que, na nossa língua, está traduzido como “bilhões de universos”. Só que essa noção de “bilhões de universos” não é a melhor tradução. Tem outras traduções que tratam de “bilhões de universos entrelaçados interdependentes”, que é uma tradução melhor (tem um nome para isso que eu não estou me lembrando bem qual é esse nome). Mas a tradução “bilhões” é simples demais.

Então esse é um ponto importante. Quando nós vamos olhar (contemplar a coemergência) e nós vemos, no item 2-a, a coemergência e a não-dualidade no mesmo fenômeno mente/objeto. É a melhor forma de nós entendermos o quê que é a mente. A mente tem essa capacidade luminosa. Essencialmente é isso. Mas quando ela tem a capacidade luminosa, ela está manifestando o vazio - que é a liberdade natural. Ela não tem condicionantes dentro. Os condicionantes, ela vai produzindo, mas começa desse ponto livre. Mesmo que ela tenha condicionantes (ou seja: ela pode construir por origem dependente), ela segue com o espaço totalmente livre. Isso é o que vai dar origem à noção da natureza primordial - que é totalmente livre - e vai dar origem também à descrição da mente fundamental (*Alaya Vijnana*) - que é o conjunto dessas marcas mentais. *Alaya* é conjunto/depósito de *Vijnanas* (pensamentos). Então essa é a mente fundamental, que é a base da nossa existência.

Nós, por exemplo, vamos surgindo... nós nunca chegamos a dissolver na natureza primordial as construções já feitas. Quando a nossa mente perde a base, ou seja, o corpo morre, essa mente segue operando a partir dos condicionantes que ela já

tem. Então ela olha em volta, toma os condicionantes e começa a construir de novo. Ela não começa do ponto primordial. Ela usa a propriedade do ponto primordial para construir a partir da origem dependente. Então quando nós morremos, por exemplo, a gente ressurgue em um certo ponto dos 12 elos. A gente não vai até o ponto de não-dualidade de *avidya*. A gente não recua até *avidya*. *Avidya* não desaparece.

Do mesmo modo quando a gente sonha à noite ou dorme, os sentidos físicos estão bloqueados, mas nós seguimos sonhando por dentro da mente fundamental (*Alaya Vijnana* condicionada). E dentro dessa mente condicionada, surge a matriz das aparências todas (matriz é uma das palavras que são usadas), ou seja, surge aquele espaço de possibilidades onde a gente se move (matriz das possibilidades). Como um jogo, ele tem possibilidades. A mente vagueia por dentro das possibilidades. Essas possibilidades surgem como as aparências do próprio sonho, como objetos. Do mesmo modo quando nós estamos acordados, as aparências que surgem são a manifestação direta da matriz das possibilidades. Estamos no meio disso. Então essa contemplação é o 2-a.

Item de contemplação 2-b

Nós entramos no item 2-b. Item 2-b vai tratar especialmente da identidade.

Nós estamos aqui tratando de bolhas, mas nós vemos essas bolhas também internamente. Nós temos muitos fenômenos internos que surgem como aparências externas. Então algumas coisas, por exemplo, se a gente olhar de modo simples, eu vejo e lá estão: os postos, a cerca, os troncos, é isso. Mas, não, nós temos uma vastidão de referenciais internos que surgem e eles dão uma aparência de realidade para bolha como um todo.

Então as aparências visuais ou táteis, etc (sensoriais) não dão conta de todo o conjunto de coisas que a gente olha. A mente é complexa. Ela tem muitos elementos que surgiram dentro de um processo de origem dependente. Esses elementos se constituem como se fossem realidade, porque eles são utilizados para nós irmos adiante, irmos adiante. Então quando recuamos um pouco, nós terminamos encontrando esses elementos.

Aqui tem uma listagem desses elementos, mas eu não diria que esses elementos estão totalmente descritos aqui. É uma pequena listagem. Se nos dermos conta disso (desse processo) aí nós vamos sempre adicionando mais um e mais um que descobrimos dentro de nós outros referenciais que estamos usando. Então, aqui, nós vamos passar por isso e vai ficar mais claro o fenômeno do surgimento da identidade e da operação da identidade das inteligências pessoais e de corpo e como que tudo isso constitui a identidade e, ao mesmo tempo, a bolha.

Esse tema da contemplação da bolha e identidade juntos é um ponto super importante. Porque se a gente considerar apenas a bolha (que já é alguma coisa complexa), pode parecer que as nossas disposições internas sejam naturalmente a identidade. Então a gente se vê vivo. Assim é completamente necessário que a gente veja que a identidade e a bolha são inseparáveis. Desse modo nós vamos trabalhar com a vacuidade da identidade também. A gente precisa avançar nessa direção.

Esse item 2-b (sendo item 2 o ponto central é a coemergência) vai tratar da coemergência, portanto, da mente. É sempre da mente com alguma coisa. Isso que é coemergência. É a coemergência da mente com a forma.

Então o primeiro item é a forma. Aqui eu acho que a gente deveria trabalhar longamente assim: ver as formas imaginadas pela mente, as formas enquanto expressões artísticas, a forma enquanto expressões de objetos de todos os tipos e também de outros seres. Então nós vamos encontrar a forma e nós precisaríamos compreender/contemplar que a mente e a forma, como nós estamos vendo, coemergem no mesmo fenômeno. Todas as formas coemergem com a mente.

Esse é o primeiro ponto. Aqui é o roteiro de meditação. Vou pegar isso agora e trabalhar longamente o primeiro item. O segundo item é mais uma fila de prática de meditação, que é assim: nós vamos ver que a mente está associada à forma (que a gente já viu) e agora a gente adiciona isso à energia.

Por exemplo, daqui eu olho o portão aberto e aí eu penso: melhor fechar. Então aqui (não sei se é melhor fechar ou não, não estou dizendo nada) eu olho e fecho o portão. Não é apenas o objeto que surge. Quando surge o objeto, tem uma energia junto. Essa energia está presente, então melhor entender. Essa energia é inseparável da luminosidade correspondente ao objeto.

Se a gente olhar, por exemplo, objetos do reino dos deuses, a gente se alegra. Se a gente olhar objeto do reino dos semideuses, a gente crispa. Se a gente olhar objeto do reino humano, a gente começa a fazer planejamento. Se a gente olhar objetos do reino dos animais, a gente amortece. Se a gente olhar objetos do reino dos seres famintos, a gente se move por aflição. Se a gente olhar objetos dos infernos, nós temos uma grande aflição [que] surge imediatamente.

Por exemplo, vamos supor que vocês escutam uma gravação de gritos de desespero. Então eu não vou dizer: olha, eu olho isso e são gritos de desespero. Vocês vão crispar! Por quê? Porque a gente reage, reage com a energia.

Então vamos supor que vocês estão vendo um filme. Aí vem alguém e diz: “olha, pessoal, é um filme; são imagens fortes aqui, mas é um filme, não tem nada; é só um filme, entenderam; a qualquer momento eu posso desligar”. Aí aquilo é horrendo. De repente como for, é horrendo.

Eu vi umas descrições, agora eu vou só falar para vocês: tortura no tempo da ditadura. Tinha uma das mulheres que foi torturada. Eles botaram um anel aqui [na cabeça] e um torniquete. Eles foram torcendo, torcendo... esmagou o crânio e os olhos caíram e ela estava viva. Como é que é? Isso move a energia ou é só a gente ver a não-dualidade e tudo bem? É assim. E aí a gente encontra os parentes dela olhando, procurando saber o quê que houve, o quê que não houve, porque nem isso é contado. Então esse tipo de coisa produz o quê? Se vocês observarem foi só blá blá blá..., eu só emiti som. Só emiti som! Portanto, a mente coemerge e produz significados, só que não são significados, tem uma energia junto. Então não tem objeto que não tenha uma energia junto.

As coisas têm energia. Uma coisa é o pessoal pegar coronavírus, outra coisa é a nossa mãe pegar coronavírus, ou um filho pegar coronavírus. É assim. Então a energia opera. Só que quando a energia opera, ela parece completamente real e aquilo parece totalmente real. Ninguém mais lembra do aspecto primordial, ninguém mais lembra do aspecto não-dual, da realidade última, que todos os seres têm natureza búdica e ninguém morre. Ninguém mais lembra disso. Nós ficamos totalmente dominados pela bolha correspondente. Então ainda que eu chegue na coemergência, não dualidade e etc (passa um filme ali), a pessoa toma a energia que está enraizada e dá um sentido absoluto: entra no mundo de sofrimento e não sabe como sair.

No caso, isso é tão pesado, tão pesado, que a gente diz: “não, mas eu não deveria ficar insensível”. A gente tem um argumento: “eu não deveria ficar insensível, não deveria ficar”. Então eu preciso explicar isso. Se a pessoa localiza isso, sendo um bodisatva, ele precisa manter ação de poder. Mesmo para agir num ambiente desses, ele precisa ação de poder, senão não consegue se mover. Se tem alguma coisa horrível, a pessoa não consegue se mover. Então ela precisa ação de poder.

Ação de poder é assim: olha aquilo, tem lucidez e ainda assim é capaz de se mover com compaixão dentro do ambiente condicionado. Vocês veem que a coisa pra bodisatva não é uma brincadeira, o negócio não é fácil.

Eu estou só começando, se vocês quiserem desistir (risos).

O reino dos infernos é horrível, é de chorar, é horrível. Se a gente procurar, por exemplo, o reino dos deuses é outra coisa: aparece um ser assim maravilhoso, dançando, poderoso, cavaleiro e todo mundo [fala] “uau”! Ou então uma ninfa flutuando, esvoaçando em véus de seda, aquilo parece “uau”! Ou então a gente vê um monte de gente ‘ron ron ron’ [marchando], aí nós já estamos juntos “ron ron ron” [marchando também]. Vamos, vamos lá! Já tem os sons de cada reino. O reino dos asuras é “ron ron ron” [marcha], é isso, e nós já estamos juntos “ron ron ron”. Agora o reino dos deuses é Bach, cítara. O reino humano, rock: “ié, ié, ié” e vamos pra cima! O reino dos animais é “uhuuuu” e nós olhando a lua. É uma coisa assim: raiz. O reino dos seres famintos é um choro sempre: “ai, ai, ai”. Agora o reino do inferno eu não vou reproduzir, porque a gente fica muito mal assim direto. Então se a gente ouve o som de cada reino - nós temos os receptores dos reinos - a gente vai direto assim.

Então de onde é que vem isso? E a nossa vacuidade, que a gente já estava com a realização completa da vacuidade? Nós já estávamos vendo dharmata em tudo, dharmakaya em tudo. E aí?

- Não, não, isso é dharmakaya, pessoal.

E o pessoal: não e “ron ron ron”.

- Não, não, isso era só brincadeira!

- Não, eu encontrei o sentido da minha vida “ron ron ron”.

Perigo verdadeiro, pessoal. Perigo mortal!

Eu acho que é muito útil a gente ver as propagandas de guerra, os períodos das guerras. Vai ter uma pessoa assim com o dedo [apontado]: você, a nação espera você! E por quê que o período de paz não diz isso também? Assim: esperamos que você mate os outros.

Então nós temos aqui forma, mas forma é pouco. Tem energia. Eu tenho a mente coemergindo com a forma e com a energia. Mas quando a mente coemerge com a forma e com a energia, ela coemerge com as disposições mentais. Então aquilo tem a disposição. A pessoa imediatamente se coloca para se mover pela disposição. E quando surge a disposição? Aí pega alguém que surgiu a disposição e diz para a pessoa: “calma, aqui e agora”.

Filho adolescente está indo para Santa Catarina com a namorada:

- Calma, senta um pouco aqui, respira, olha a sua mente... veja o quê que você está imaginando... isso é a forma. A energia que vem junto, isso é energia [que]

coemerge com a forma e com a mente, entende? Isso produz uma disposição, não produz?

- Produz e eu já estou indo!

Como é que nós vamos puxar o freio de mão nessa hora? Não tem como! Isso vai ladeira abaixo. Isso é a disposição, pessoal. A gente quer argumentar ainda! Aí vem o item seguinte:

- Isso é uma paisagem transitória da sua mente.

Depois de dois dias em Santa Catarina já estão querendo voltar, não deu certo, já estão voltando! E ainda está sem dinheiro, gastou tudo e ainda vem me pedir. Vai pedir pro papai ir buscar às 3h da manhã em algum lugar aí. Então:

- Meu filho, isso é paisagem, vê se você já não teve outras experiências desse tipo assim.

Na paisagem parece que aquilo é tudo denso. Então a paisagem amarra. Ela junta a forma com a energia com a disposição. A paisagem é a explicação assim. E a conexão com todas as coisas está lá, está tudo explicado. A gente explica isso em paisagem, mas aquilo não está funcionando ainda. Aí vem a sensação de que se a forma está costurada... a gente vê a forma costurou com a energia, costurou com a disposição, costurou com o mundo que surge como a paisagem e a pessoa diz:

- Isso sou eu! São manifestações diretas de mim mesmo. Papai você sempre me cortou, sempre que eu surjo, você [me corta].

- Está tudo bem, isso não é o problema, mas você deixa o celular ligado, aí qualquer coisa...

Então isso é a identidade. Dá uma sensação quando os fatores todos se juntam, surge a identidade assim clara. Nós sentimos isso quando a energia sobe. Nós explicamos isso como a identidade. E quando esses fatores todos se estabelecem, aí nós temos a causalidade também. Aí nós estamos olhando:

- Bom, eu estou indo e para isso eu preciso... papai! (É claro, eu preciso de dinheiro, é assim). Eu vou pegar uma carona com um amigo.

- Quem é esse amigo?

- É um cara, amigo de outro amigo, que não é muito amigo, mas aquele amigo é amigo de um outro amigo.

Então aquilo está tudo super amarrado. Super certo assim.

- Pode ficar tranquilo.

- Ah tá.

Aí nós vemos a causalidade de tudo. Tudo aquilo parece que faz sentido, tudo perfeito assim.

Agora quando está todo esse quadro assim: forma, energia, disposições, paisagem, identidade, causalidade de tudo (nós estamos vendo aquilo tudo encaixando em todas as direções), também surge intuição. A pessoa:

- Eu não tenho certeza de algumas coisas, mas eu vejo aquilo assim.

- Ah, tá.

Então tem uma dimensão que surge como se fosse uma dimensão intuitiva, uma coisa que não tem uma causalidade clara, mas é “óbvio que aquilo vai dar certo”. E aí a pessoa faz o mapa daquilo, vê os planetas (que estão onde) e ela tem certeza de que isso vai dar certo.

Então tem esse ponto da intuição. Se a pessoa tem dúvidas, ela joga algum sistema de adivinhação. Joga os búzios e aí ela vê. Olha o café no fundo da xícara ou pega uma flor até ela ter certeza. E aí pá, pingou: “era isso, com certeza!” Então aquele aspecto intuitivo fica {presente}.

A pessoa olhando isso: intuição, causalidade, identidade, paisagem, disposições, energia, forma, tudo está junto e a pessoa costura isso e diz: meu propósito é... Aí surge um propósito elevado! A pessoa tem uma explicação de uma direção da vida com aquele propósito. Esse propósito (que os pais nunca entendem) pode vir dotado de visão estratégica. Então a pessoa tem um propósito, agora ela cumpre uma etapa, depois outra etapa, depois outra etapa, até que ela chega ao final. E havendo um propósito, visão estratégica, a pessoa descobre que ela deveria manter uma coerência dentro daquilo.

Então surge esse tema da coerência aqui, que também é difícil. Nós nos sentimos cobrados, nós nos cobramos de coerência. Quando surge propósito, visão estratégica e coerência, aí nós temos urgências: “então papai é assim, é agora”. Quando surge essas urgências, nós vemos que isso também se soma com vários tipos de meios hábeis, inteligências específicas e disposições que se manifestam a partir do próprio corpo. O corpo fica dotado de energia. As coisas todas vão andando e nós nos movemos.

Então aqui eu estou descrevendo esse fenômeno da mente, dos objetos, das paisagens, com um nível de complexidade. Quando nós olhamos as aparências, não olhamos apenas: “a cerca”, “o céu”, “uma coisa”. Nós temos inevitavelmente esses aspectos todos que estão lá. Posso nem estar olhando, mas eles estão lá: que é, por exemplo, energia, disposição...

A pessoa está dentro de casa e chega a uma conclusão: “preciso limpar a casa”. Energia e disposição zero. Então não basta eu ver o quê que está acontecendo ali, não basta. Se a pessoa não tiver energia, não tem como fazer. Eu sou igualzinho a minha mãe. Eu vejo tudo, mas não tenho energia para arrumar. Então isso está ali: energia, disposições.

A pessoa tem que estudar pra prova. Essa parte - a forma - ela entendeu. Agora energia e disposição [zero]. Aí tem paisagem, identidade, causalidade, intuição, propósito, visão estratégica, coerência, urgência, inteligências, disposições do corpo. Todos esses aspectos são construções da mente que se colocam de modo coemergente. Eles surgem como cores e tonalidades dos objetos e das aparências. Estão todos ali.

Por que é importante a gente olhar isso? Porque por exemplo: se eu olho a forma e não olho a energia, quando a energia aparece ela torda a minha capacidade de ter entendido a não separatividade/coemergência de mente e forma. Quando eu entendo a coemergência de mente e forma, eu acho “uau, incrível!” Mas se eu vejo a energia se movendo, ainda que eu olho para aquilo, de repente eu tomo a energia como

um fator para construir a experiência da originação dependente e dou uma sequência a partir da energia. Eu construo aquilo. Tomo aquele referencial e sigo. Agora se eu já entendi isso, eu olho a energia como a manifestação de dharmata, estou assim super admirado, mas aí surgem disposições.

Um ponto interessante é: vamos supor que vocês estão meditando.

- Eu acho que não vou mais me levantar daqui. Adeus mundo cruel!

Nada produziria a disposição de levantar.

- Eu estou aqui imerso na lucidez, vou levantar por quê? Se doer alguma coisa, eu aumento a lucidez aqui, incorporo a dor como processo. Pronto. Adeus. Nem vou dizer adeus porque eu não sou ninguém.

E o quê que levanta a pessoa dali? A disposição. Poderia ter posto: urgência de ir ao banheiro! Aí tem as disposições:

- Agora vou fazer uma peregrinação!

Essa ideia “agora vou fazer isso” é a paisagem. Quando surge a paisagem junto com a disposição, junto com a energia, com a forma, e aí foi! Aquilo surgiu como uma identidade - já é um ser no samsara se movendo. Aí a pessoa se move, mas não se move. Ela tem que se mover de um jeito causal, obedecendo a causalidade da bolha estabelecida, senão não dá certo. Então todos esses fatores aqui atuam. Todos eles atuam. De um modo geral, quando eles aparecem, eles assumem como o referencial para o fluxo da energia luminosa e nós começamos a construir imagens por origem dependente a **esses fatores**.

Então nesse ponto nós vamos entender a bolha. Surge a bolha. A bolha é esse conjunto de aparências em todas as direções, que são aparências em forma: são as formas em todas as direções, as formas espaciais como o espaço euclidiano (norte, sul, leste, oeste), espaço infinito em todas as direções (tudo isso pertence à forma) e esses outros elementos todos que vão estar presentes também dando significado e produzindo movimento, etc. Então a bolha se funde com a própria identidade. Elas coemergem. A bolha coemerge. A bolha é mente e é forma, e a identidade surge como mente e como forma, inseparável da própria bolha. Aí vem uma análise que a gente precisaria olhar com todo o cuidado. Isso é 2-b-1. Nem vou classificar, vou deixar assim, sem número: [2-b].

Seria assim: agora nós olhamos bolha e identidade. É super importante entender que as bolhas são uma coemergência desses fatores todos. Sendo coemergência, elas são manifestações não duais. Então elas surgem: no mesmo fenômeno surge o objeto e o que vê o objeto. Então isso [que surge] são essas manifestações luminosas não duais. Agora a gente começa a olhar segundo conceitos que vêm de vários outros ensinamentos. A não dualidade vem de outros ensinamentos.

Agora nós olhamos os extremos de existência e não existência. Então o quê que a gente diria? Essas manifestações luminosas não duais que coemergiram, elas estão além dos extremos de existência e não existência. O quê que significa isso? Se eu disser que as formas são existentes, isso seria o extremo da existência. Se eu disser que a forma não existe, isso é o extremo da não existência. Então quando eu falo da existência, eu preciso falar da não existência e quando eu falo da não existência, eu preciso falar da existência. Quando nós falamos da existência, eu trato, por exemplo, as

mesas são objetivamente existentes. Nós, enquanto identidade, somos objetivamente existentes. Se nós olharmos a existência das mesas, por exemplo, eu vou considerar que isso é um extremo, porque ela brota de um jeito especial - se usar outro tipo de mente, ela já não brota. Então ela não está existindo naquele lugar. Não posso dizer que ela é existente. E agora se eu disser que ela é não existente, também não dá certo. Então tem uma classificação que o Buda usa no sutra da haste de arroz que eu acho super hábil. O Buda diz: não é que aquilo exista e nem que não exista. Está livre dos dois extremos. Mas aí ele afirma: aquilo é não não-existente, ele nega a não existência.

Esse é um ponto interessante, porque se, por exemplo, aquilo fosse não existente, seria um problema - porque aquilo aparece, opera, ele opera de modo causal e funciona. Mas se a gente disser que é existente, isso também é um problema. Então como que a gente pode operar com aquilo? Se eu afirmar a existência é um problema, então eu afirmo a não não-existência. Essa é uma forma de lidar com isso. Esse é um terceiro tipo de afirmação que a gente pode fazer que ajuda a complicar tudo. Então eu nego a não-existência: não não-existente.

Aí eu vejo a bolha que é também uma manifestação não dual da mente. Então estou olhando a bolha toda, a realidade com todos esses aspectos é inseparável da própria mente. Sendo não dual com a mente, ela é a própria mente, ela é a própria luminosidade. Agora, na medida em que a gente medita com cuidado sobre isso, contempla isso com muito cuidado (muitos diferentes exemplos), nós vamos encontrar a mente fundamental *Alaya Vijnana*, que é o conjunto das impressões mentais que servem de base para a construção por originação dependente.

A compreensão da mente fundamental é uma etapa crucial do caminho. Então se diz que quem medita longamente em shamata termina desenvolvendo habilidades do reconhecimento da mente fundamental, que é *Alaya Vijnana*. Isso é como se esse fosse o ponto final do treinamento de shamata, onde depois nós vamos entrar na abordagem da vacuidade.

Aqui nós estamos nos defrontando com esse tema da mente fundamental já na perspectiva da vacuidade. A gente já está olhando isso dentro da perspectiva da vacuidade. Então nós percebemos que a operação da mente é complexa, porque a mente tem o foco e seria uma grande perda a gente não se dar conta de que a mente não é apenas o foco. A mente é o foco e as aparências, que são essencialmente a própria bolha. Esse foco se dá dentro de um ambiente. Esse ambiente é construído. Então a operação da mente é constituir o ambiente e definir um foco e mover o foco dentro daquele ambiente (que é a bolha). Tudo isso é ação da mente. Só que, quando nós descrevemos o quê que é ação da mente, nós descrevemos só a parte do foco, nós não descrevemos que nós estamos construindo a base dentro do qual o foco faz sentido. O foco ganha sentido.

Esse é um ponto crucial na compreensão. Eu diria que a não compreensão disso vai dar um problema para nós, mesmo que a gente esteja seguindo o caminho com aspiração de avançar e tudo. Se a gente não compreender que a operação da mente não é apenas o foco, nós vamos ter muitas dificuldades, porque a base da mente, ou seja, as aparências vão ficar aleatórias. As aparências, enquanto bolha, ficam aleatórias. Num certo momento parece que aquilo está claro. No outro momento parece que os ensinamentos desapareceram, a gente não entende mais. Então num momento eu faço o treinamento e aquilo parece tudo ok assim: tudo faz muito sentido. Aí no dia seguinte, semana seguinte, quando eu faço o treinamento, o treinamento não tem energia, não tem, não consigo ver direito. Eu não sei o porquê. A razão é que o espaço sutil (o conteúdo do espaço sutil) onde o foco está operando é outro.

Uma experiência disso é assim, vamos supor: nós estamos aqui, todo mundo praticando, tudo bem. Vamos supor que um dia depois do outro está bem, nós estamos a mesma coisa. Mas aí vocês recebem uma notícia. Essa notícia diz: meu pai (ou minha mãe ou meu irmão ou alguma [outra pessoa]) está com covid, está no hospital, está mal e está precisando de ajuda. Isso altera a visão de realidade - que é essencialmente a bolha.

Naquele momento, eu faço a mesma coisa: eu sento em silêncio, inspiro e expiro, foco. Quando eu vou focar, aquilo está estranho. Por quê? Porque eu estou produzindo aquele foco (aquele treinamento), mas a visão ao redor que eu estou sustentando é outra. Naquela manhã tudo foi muito ruim e a gente começa a pensar, ou seja: pensar é pegar o fluxo luminoso da nossa mente e fazê-lo passar pelo conteúdo dos referenciais que nós estamos operando agora. Aí começa a surgir muitas ideias: “eu vou a pé até à estrada, ninguém vai me levar porque eu já sei que ninguém quer me levar... eu vou até à estrada, vou pegar o ônibus, eu vou embora... eu vou embora porque, afinal, esse monte de gente aqui, ninguém tem compaixão... eu tenho que ir até lá, eu vou ter que resolver isso, é uma coisa urgente”. Então a pessoa pensa assim. Aí no final da manhã vem [a notícia]: “não, mas não era... não era pra você... isso aqui é uma outra pessoa que está lá em Viamão, é uma outra coisa... a mensagem saiu errada”.

A pessoa se dá conta que aquela bolha não era uma realidade, era uma bolha. E aquela bolha operou perfeita, como se fosse a realidade. Passa mais algumas horas tem a confirmação: “é sim, é sim... agora você precisa ir...”. Por exemplo, se é ou não é, funciona igualzinho, funciona igual. Funciona porque aquilo é uma bolha, entende? Aquilo não tem a ver com a realidade. Aqui tem a ver com a bolha, como que a bolha é construída. Esse é o ponto. Nós operamos desse modo.

Agora essa bolha se sustenta onde? Essa bolha é a manifestação da nossa mente! A bolha não é a realidade onde eu estou imerso. A bolha é a bolha! E a operação da mente não é só o foco, é o foco junto com a bolha. Só que eu não descrevo isso, eu descrevo só o foco. Curiosamente, a maior parte dos ensinamentos - a imensa maioria, para não dizer 99,9% dos ensinamentos - descrevem o foco. Então o aspecto do entorno (o aspecto do ambiente) é definido dentro dos ensinamentos de motivação. Assim: “afaste-se da sua terra natal, vá embora, deixe para trás tudo”. Isso pode ser afastamento físico, mas essencialmente é: “abandone a bolha correspondente”. Eventualmente, a gente pode sair daqui para cinco mil km para o norte ou para o sul e carregar toda a paisagem natal dentro da mente e estar mal lá. Aí quando vai fazer a prática, não funciona.

Têm esses ensinamentos que são muito simples. Aí tem a motivação. A motivação tântrica secreta também abarca isso, porque ela define o ambiente como eu estava trazendo. Então é o local, os companheiros, a oportunidade, os ensinamentos, etc. Isso compõe a bolha. Ela compõe uma terra pura onde eu vou fazer a prática, está bem. Mas é necessário entender que isso nós construímos. Quando a gente faz a prática no altar de manhã, a gente constrói isso também, a gente constrói essa bolha.

Eu acho interessante assim, por exemplo, quando vai oferecer o incenso, aí eu olho Moriyama Roshi veio e foi. Manifestou energia, ele passou, ele fez o que ele pode. É como, por exemplo, Chenrezig se manifestou por ele e fez o que pode. Tokuda San fez o que pode. Chagdud Rinpoche fez o que pode. Cada um fez o que pode. Dalai lama faz o que pode. Várias expressões. E nós? Nós também. Nós somos a mesma energia, igual, mesma coisa. Só que agora nós estamos nesse corpo e nós vamos fazendo isso. Nós construímos uma visão de mundo. Dentro dessa visão de mundo, vem o foco e o foco faz sentido. Mas se nós pegarmos simplesmente o foco e não construímos essa

base, nós vamos ter problema. Especialmente se a gente simplesmente andar solto e pegar a bolha que for. Aí, pronto, um dia funciona, um dia não funciona. O perigo ainda é que, se não funcionar várias vezes, a gente abandona. E a explicação é do tipo: “eu isso ou eu aquilo”. Aí vem um diagnóstico para nós: “mas isso não é pra mim, isso eu não gosto... ou o budismo não serve”, alguma coisa assim.

É necessário a gente entender esse ambiente. A gente não opera apenas com foco na mente. Vocês imaginem vocês movendo as pedras do jogo de xadrez sem um jogo, sem um adversário na frente. Vocês estão botando as pedrinhas para cá, para lá... Não faz sentido nenhum, pessoal! Se não tiver o jogo, o movimento das pedras não faz sentido. Agora o outro sentou na frente e diz:

- Você não é nada, eu vou acabar com você.

- Nossa, agora eu quero ver!

Começou o jogo! Aí o movimento das pedras faz sentido.

Então o foco da mente só faz sentido quando está aceso o ambiente. Esse ambiente é a bolha. Esse não é um ambiente físico. É um ambiente complexo. Do mesmo modo que o tabuleiro não é o ambiente físico das pedras, mas os significados todos junto com aquilo: as emoções, nosso movimento de energia, visão estratégica, etc, tudo isso ali naquele tabuleirozinho. Se a gente pensar que são só as pedras, aquilo não faz sentido.

Nós vamos reconhecer que esse aspecto complexo é inseparável da nossa mente. Nós construímos e sustentamos isso sem perceber. Uma bolha é uma rede tecida pela ação da originação dependente em várias conexões, em várias direções. Quando nós dizemos isso, ainda é um pouco insuficiente. A gente pode abrir aqui o item 2-b-1.1.1.1.1.5, alguma coisa assim. Quando a gente abre isso, a gente vê: nem sempre as inteligências parecem nossas no meio desse processo todo. Porque, por exemplo, quando as disposições estão presentes, essas disposições se manifestam pelo corpo, mas o meu corpo/minhas células podem estar cansadas. Elas podem estar mal, eu posso estar com fome, eu posso estar com várias coisas desse tipo. Eu posso estar incomodado, posso estar doente, posso estar com febre, com pressão baixa ou pressão alta. Posso ter alguma coisa assim. Isso altera as disposições mentais, altera a disposição.

Então nós temos várias inteligências operando. Agora cada elemento da bolha está interligado nesses samsaras múltiplos e ele é protegido pelos demais, no sentido, por exemplo: se eu estou me sentindo doente, a minha disposição é baixa. Parece que tem uma objetividade, essa objetividade vem da doença, então parece que eu tenho uma indisposição em fazer tais coisas. Aquilo não diz respeito a tais coisas, não é o foco da mente, é a paisagem. Só que a paisagem, nesse momento, está sendo influenciada fortemente pela situação das células no corpo.

Nós estamos num samsara multidimensional com muitos tipos de inteligências. Vai que a pessoa está sob o efeito das inteligências das bactérias intestinais que proliferaram. A pessoa está indo no banheiro seguido. Então aquilo afeta, com certeza, e assim nós vamos indo. Tudo isso está interligado. Quando a gente vai contemplando esses aspectos, nós não estamos contemplando aqui para criar uma complexidade, mas nós estamos contemplando para ver a complexidade que está operando já. Se a gente reconhecer essa complexidade toda como a manifestação luminosa, nós não precisamos segui-la.

Há esses cenários complexos e flutuantes que incluem o quê? Visões de presente, passado e futuro. “No passado aconteceu isso comigo e agora eu tenho disposição para isso, mas não pra aquilo.” Então tem visões. As visões nem são de agora. Eu não vejo como visões de agora, mas elas são visões de agora. Mas eu não vejo como se fosse [de agora], eu vejo como se fosse de um outro tempo. Mas pelo fato que eu produzo isso agora e considero agora, são visões de agora. Mas elas parecem com visões de presente, passado e também de futuro. Curiosamente eu posso ter visões de futuro atuais e visões de futuro passadas.

Por exemplo, eu posso dizer: “no passado eu quis ser jogador de futebol, agora...”. A pessoa tinha uma visão de futuro “serei jogador de futebol” e “agora eu tenho a grande frustração de ver que aquele passado/aquele futuro não se realizou como um presente”. “Então agora eu decidi: eu vou realizar isso até o fim, vou treinar e vou ser jogador de futebol.” A pessoa pega uma loucura assim.

Então, como já tinha descrito, a contribuição das inteligências físicas - dos órgãos, das células - inteligências condicionadas que surgem com sensações e impulsos corporais e também de outros seres de outros samsaras que se entrelaçam. Esse cenário todo é uma ação incessante da mente. A mente sustenta isso e esse cenário é inseparável, não dual com o foco da mente. O foco da mente se torna coerente com esse cenário. Ele ganha sentido dentro desse cenário, mesmo que eu não tenha esse conjunto de referenciais de modo consciente, mas ele está atuando. Esse é o ponto da bolha. Se a gente não tiver essa consciência, a bolha é um nome para uma operação mental não consciente, mas que tem uma ação super importante. A gente não tem a consciência de que a bolha é uma ação mental. Uma ação mental não consciente, mas ela tem um super efeito.

Todos nós temos flutuações na prática e quando vocês vão olhar porque é que um dia a prática funciona e porque outro dia a prática não funciona, vocês podem culpar direitinho a bolha. Tranquilo. Calmamente. O foco da mente não está funcionando, não estou conseguindo sustentar. Quando o foco da mente é estranho, preciso fazer força para sustentar, é porque ele está fora da bolha.

Como acontece com os jovens e com as crianças também. Eles estão lá fazendo alguma coisa urgente com teclado e a tela deles. Aí vem alguém e diz: “pessoal está na hora de tomar banho!”. Aquilo não parece nenhum sentido. De dentro da tela do computador nunca brotaria a opção “tomar banho”. Não aparece isso, não tem essa [opção]. Então dentro daquele mundo mental, como é que eu vejo isso? Não tem! Devia ter! O pessoal, para contemplar os pais, devia ter um “pin pin” hora do banho, “pin pin”, a pessoa só consegue entrar no jogo quando tiver programado o horário para saída! Esse é um ponto. Aquilo não está previsto, não tem aquilo. Então é difícil, nós estamos numa coisa e aquilo não funciona, porque não pertence, não tem aquela opção. A gente chama, tem uma estranheza. Mas, vamos supor, que depois da décima/centésima/oitava vez que a gente chama, aquele ser vem com uma aparência de tortura e entra no banheiro com o celular. Aí escuta o chuveiro... meia hora depois o chuveiro [ainda]... o ser não sai do banheiro! Por quê? Porque aquele banho é ótimo, muito bom, aquilo é quente, maravilhoso, e não tem dentro do banheiro nenhum “pin pin pin volte...”. Não tem!

Então, quando a gente entra em alguma, a gente entra naquela paisagem, a gente fica ali. Isso é Moha (saber não adianta muito). Eventualmente a pessoa está em algum lugar, quando pensa “bom, agora estou no banho”, a luz cai. Logo em seguida vem água fria, aquilo não dá 10 segundos, a água gela. Não só a água como o banheiro inteiro. E a pessoa não acerta nem a porta de saída. Isso que é chamado “banho

consciente” (risos). Então esse é o ponto da bolha. Agora eu não vou complicar mais (quando eu digo isso é porque eu vou complicar).

Eu queria trazer também que nem sempre as pessoas operam de forma organizada. Às vezes nós estamos tão perturbados, aí começa a surgir perturbações de vários tipos. Essas perturbações fazem com que, algumas vezes, a gente não esteja num ambiente, numa bolha estabelecida, num pensamento coerente com a bolha. Ainda que aquilo tudo seja uma construção - seja irreal, seja ilusória, seja como um sonho à noite - a pessoa não está com aquela coerência. Se vocês observarem (talvez com vocês também um ou outro momento), nós estamos operando com bolhas flutuantes.

Por exemplo, a gente começa “eu não sei se isso, eu não sei se aquilo, eu não sei se o outro, eu não sei se...” alguma coisa assim. Aí a gente começa. Por um instante a gente pensa de um jeito, aí aquilo faz um sentido; daqui a pouco em outro, em outra base, na outra bolha e aquilo vai andando em outra direção. Então, por vezes, eu diria que as pessoas que estão mentalmente perturbadas, a perturbação mental não é o foco. Se vocês conversarem com as pessoas que estão perturbadas, vocês vão ficar admiradas, porque elas têm foco. Elas conversam, elas falam normalmente. Então o problema delas não é o foco. Ou seja, a gente não enlouquece no foco, a gente enlouquece na bolha. A bolha enlouquece. Isso é super profundo.

Vocês olhem assim: bolhas estáveis enlouquecidas. Bolhas estáveis enlouquecidas são as pessoas em guerra, achando que podem matar o outro e pode matar, pode torturar, pode prender, pode sistematicamente matar e queimar. Isso é uma perturbação estável. Essa perturbação estável está disseminada pelo Brasil. Agora eles prenderam uma pessoa aqui que já matou uns cem num tribunal. Um tribunal, tipo, um tribunal de milícias, um tribunal dos grupos. Eles vão lá, julgam e matam. Tinha uma pessoa que foi presa que era um executor, já tinha matado mais de cem, tinha executado. Então tem uma bolha enlouquecida. Tem uma bolha que, nós olhando de outro lado, a gente acha: “bom, aqui tem um problema gravíssimo”.

Na perspectiva budista, a gente poderia dizer que é uma bolha dos infernos. Uma bolha consolidada, calma, dos infernos. Aquele mundo não vai dar certo, não vai funcionar, mas as pessoas, por um tempo curto, acham que aquilo funciona. Essa bolha que estou descrevendo é uma bolha de mais longa duração – a pessoa tem uma visão de mundo.

Têm outras bolhas onde as pessoas falam essa expressão tipo “vida louca”, ou seja, deu o que deu e pronto. São bolhas de curto alcance onde a pessoa não mede a consequência do que faz: faz e pronto. Ela não olha. Isso aqui está num bordo, não sabe se a pessoa enlouqueceu ou não enlouqueceu, mas ela não enlouqueceu, ela só está tomada por isso.

Agora quando nós aceleramos esse processo, nós vamos encontrar pessoas que têm um processo de bolha que elas não chegam a ver, não chegam a contemplar direito a bolha. A bolha surge, produz um impulso intenso, a pessoa faz as ações e pronto. Isso é o que estaria mais próximo do processo da loucura. Quando tem essas bolhas que flutuam por todo lado, isso seria um tipo de loucura.

Tem outros tipos de loucura que é como, por exemplo, a pessoa tem uma bolha estável que funciona, mas de vez em quando tem bolhas que, de acordo com circunstâncias, vêm bolhas totalmente afritivas, que a pessoa faz um comportamento que não compete à identidade correspondente àquela bolha anterior. Uma pessoa diz coisas absurdas, a pessoa se comporta de forma agressiva ou amedrontada ou alguma coisa assim.

Vocês podem encontrar também, vocês vão encontrando, vão descrevendo, vão contemplando os jovens no mundo. Vocês vão vendo que, por vezes, eles vão sendo forçados, as pessoas vão sendo forçadas a situações e elas vão ficando traumatizadas por aquilo. Elas não conseguem agir na bolha comum. Elas estão dentro da bolha, que seria uma bolha comum, elas choram, elas passam mal, se afligem, elas se isolam. Por quê? Porque entra uma outra bolha dentro daquilo e, de acordo com o que acontece, entra uma reação exagerada dentro uma coisa super aflitiva. Outra pessoa não teria aquela reação, mas aquela pessoa tem. Por vezes esses processos produzem “loops” (uma linguagem de computador do passado). Por exemplo, você entra numa coisa onde você tem um pensamento. Aquele pensamento te remete a um outro fator aflitivo, que, quando você olha sob a luz daquele fator aflitivo, ele te remete para uma outra conclusão que também é aflitiva. E aquela conclusão aflitiva é intensa e ela te remete pra primeira. Você fica de uma pra outra. Ou fica com cinco, seis ou dez, fica circulando ali dentro, não tem saída, não tem como. São vários tipos de visões. A pessoa vai diagnosticar, isso é loucura também, é um tipo de perturbação. As pessoas vão diagnosticando. Mas na visão budista, a mente não enlouquece, porque a mente é mais profunda do que a operação pelas bolhas e pelas identidades e pelos focos. A mente é não mortal, não enlouquecível, mas esse processo acontece.

Vamos supor que vocês estão escrevendo alguma coisa num lugar, mas têm muitas vozes de pessoas diferentes, têm muitos ruídos de todos os jeitos. Pode ser que cada vez que vem um ruído, que tem uma conexão cármica, a pessoa desvia um pouco; ela volta, mas aquilo são borbulhas, ela penetra, ela borbulha em vários ambientes. Por vezes essas borbulhas estão presentes por uma aflição interna, não tem nem aflição externa. Então se a pessoa sair e for para um lugar isolado, calmo, as borbulhas brotam: um conjunto de conteúdos que aquilo vai se remetendo para um lado e pra outro. Isso também é super problemático. De repente a pessoa está internada numa clínica e vai tomar um antipsicótico para acalmar esse processo enlouquecido de produção de significados que vão oscilando de uns para os outros.

Então eu vou interromper aqui. Nós fomos até o 2-b. Nós estamos olhando os oito pontos do roteiro de oito pontos do Prajnaparamita. Desses oito, nós olhamos o 1, 1-a e 1-b. E olhamos o 2, 2-a e 2-b. E depois vamos indo adiante. Ainda tem o 2-c e 2-d que têm uma sobreposição naturalmente com isso que a gente já olhou. Então não sei se eu vou olhar ou não. Mas depois tem o 3, 4, 5, 6, 7 e 8.